

## **A PESQUISA EM SOCIOLOGIA DA COMUNICAÇÃO\***

**Fernando Nogueira Dias**

Antes de entrarmos concretamente nas questões da pesquisa em comunicação, propomo-nos definir alguns conceitos fundamentais da sociologia da comunicação, essencialmente ao nível epistemológico. Para tal, socorremo-nos do trabalho de Paquete de Oliveira, cuja tese de doutoramento em sociologia consultámos.

### **Para uma Sociologia da Comunicação**

De acordo com o autor, não é fácil definir o objecto de estudo da sociologia da comunicação. Embora não sendo a comunicação o único objecto de estudo das ciências, a verdade é que a comunicação é estudada por todas elas.

À semelhança da posição que assumimos neste trabalho, também Paquete de Oliveira articula a comunicação, a cultura e o conhecimento como forma privilegiada de abordar as questões da sociologia da comunicação.

A necessidade de utilizar as teorias e os dados já existentes na edificação desta área disciplinar leva-o a defender a necessidade de os sociólogos utilizarem e transformarem os materiais existentes já trabalhados pelos outros autores.

Baseando-se em Parsons, refere Paquete de Oliveira que a investigação empírica só é válida quando baseada em problemas teoricamente bem colocados. Esta afirmação deixa antever a intenção do autor em valorizar ponderadamente a importância da pesquisa empírica em sociologia da comunicação. Com efeito, pese embora a crítica dos europeus, não é possível deixar de reconhecer o papel importante que teve a pesquisa empírica americana nesta área do conhecimento. De facto, o seu contributo foi fundamental não só para esta disciplina, como para a sociologia geral.

---

\* Grande parte deste capítulo foi baseado na tese de Doutoramento em Sociologia de José Manuel Paquete de Oliveira. Procurámos, por isso, manter o pensamento do autor, como homenagem ao valor científico e pedagógico da sua obra.

Por isso, reconhecendo o papel importante da perspectiva europeia, na vertente da sociologia do conhecimento, o autor procura a síntese com a vertente da sociologia dos efeitos, de influência americana.

Não elege um paradigma ou modelo no âmbito da sociologia da comunicação, por considerar que todos são efémeros e *desgastam-se com facilidade*, remetendo-nos para a abordagem sistémica como uma solução integradora da diversidade disciplinar.

O autor tem sobre esta matéria uma posição ponderada entre produção empírica e produção teórica. Se no processo de investigação em comunicação não deixa de ser necessário segmentar a realidade, como se sabe, e o autor afirma, a *realidade* não é decomponível.

O conhecimento científico, apesar de empírico, é sempre produto de abstracção e construção, princípio que não deixa de aplicar-se também à sociologia geral e, concretamente à sociologia da comunicação. Ora, esta afirmação vem na sequência de contrariar a ideia errada de que o investigador em sociologia possa ater-se exclusivamente aos dados empíricos fornecidos pela estatística ou por outra modalidade.

Como nos refere Bachelard, a realidade nunca se nos oferece directamente, mas é captada e construída. Por isso, os dados de uma investigação são construídos, logo não exprimem directamente a realidade em si; esta é sempre mediada conceptualmente, dando assim significado científico ao investigador.

As preocupações epistemológicas com a globalidade em Paquete de Oliveira são claras. Com efeito, recorre a Marcel Mauss para referir que os fenómenos sociais são totais e apela à construção de uma teoria sistemática que recubra os saberes já organizados pelas outras disciplinas.

É neste sentido que a adaptação da teoria dos sistemas parece-lhe ser aquela que melhor serve a construção de um modelo teórico global, que possibilite a interpretação do processo de informação na comunicação social, visto que esta abrange sempre os sistemas de produção, de circulação e de consumo das notícias.

No seguimento desta opção metodológica, o autor, socorrendo-se de Pierre Bourdieu, vê igualmente a cultura como um sistema de comunicação. Por sua vez, con-

sidera a comunicação como o processo no qual a cultura encontra terreno para o seu desenvolvimento.

Sendo a comunicação social um fenómeno interdependente do sistema social, entende que esta jamais poderá ser interpretada como um fenómeno simples, resultante de raciocínio linear, que se situa entre emissor e receptor, através de uma mensagem.

A comunicação social é, sem dúvida, um fenómeno complexo, que deverá ser analisado no âmbito do eco-sistema do próprio processo da comunicação social. Por sua vez, o processo de comunicação social deverá ser compreendido quer ao nível da pragmática do reconhecimento, quer da gramática da produção e ao nível da circulação de mensagens.

A distinção entre comunicação e informação não pode deixar de ser feita. E por isso concebe a comunicação como o processo, através do qual se transmitem determinadas informações. Ora, esta posição, à semelhança da visão de Adriano Duarte Rodrigues, é bem significativa da análise ao aproveitamento que, sistematicamente, os profissionais da informação dela fazem. Com efeito, o uso do termo comunicação dá aos profissionais uma legitimidade de proximidade e controlo da relação com as audiências, que efectivamente não têm.

De facto, a informação, dado o seu sentido único na relação emissor - receptor, não permite a interactividade que o processo de comunicação proporciona. Até mesmo os profissionais de informação, trabalhando em áreas administrativas, eventualmente no processamento de informação, consideram-se, também eles, técnicos de comunicação.

O autor vai mesmo mais longe ao afirmar que a informação nos moldes em que é actualmente concebida e veiculada pelos *mass media* não produz, de um modo geral, comunicação. O processo de comunicação caracteriza-se, ao contrário da informação, pelo seu carácter relacional.

Podemos claramente deduzir do trabalho de Paquete de Oliveira a sua profunda preocupação com a visão integrada e sistémica que devem ter os meios de comunicação social no interior da sociedade. Significa isto que a circularidade própria dos processos

comunicacionais obriga o investigador da área da comunicação a estar atento ao entrecruzamento das diferentes variáveis que concorrem para a produção da informação.

### **Fases de Investigação da Sociológica da Comunicação**

Paquete de Oliveira, no seu trabalho de Doutoramento, dá-nos também uma visão das fases evolutivas da sociologia da comunicação, apresentando as seguintes etapas cronológicas.

A 1ª situa-se entre os anos 20 e 50. Nesta fase, o estudo da comunicação tem como preocupação e objecto de estudo a influência dos *mass media* no comportamento colectivo, no que se refere às questões de ordem política;

A 2ª inicia-se por volta dos anos 50, nos EUA, com relevância na formação da *communication research*, na qual se destacam os seguintes pioneiros: Lewin, Hovland, Katz e Lazarsfeld.

A 3ª decorre a partir dos anos 60 e durante os anos 70. É nesta fase que os problemas teórico-metodológicos assumem um papel importantíssimo e se dá uma deslocação do centro de interesse pelo estudo da comunicação, dos EUA para a Europa. As técnicas de análise de conteúdo encontram aqui condições para o seu desenvolvimento.

Finalmente, a 4ª situa-se nos finais dos anos 70 e princípios dos anos 80. É a fase da chamada 3ª Revolução Industrial, na qual predomina a sociedade das altas tecnologias.

### **Pólos de Investigação**

A investigação em sociologia da comunicação tem vindo a ser recortada e desenvolvida em termos de pólos de interesse metodológico e teórico. Eis os pólos referidos por Paquete de Oliveira no seu trabalho.

*Pólo do receptor.* Diz respeito aos estudos que se preocupam com os efeitos superficiais das mensagens dos meios de comunicação. É o caso das teorias conductivistas, behavioristas e hipodérmicas.

*Pólo dos efeitos e das causas.* Tem por preocupação as causas e os efeitos que dão lugar ao homem-massa, atomizado e unidimensional, cuja racionalidade técnica o domina, na sociedade da produção. É o exemplo da teoria crítica da Escola de Frankfurt.

*Pólo dos conteúdos.* Diz respeito à preocupação com o estudo dos conteúdos das mensagens. É o caso do estruturalismo.

*Pólo do emissor.* Refere-se aos estudos que se debruçam sobre o emissor. Preocupam-se com as forças produtivas e temem a alienação do público. As teorias marxistas são disto exemplo.

*Pólo Media.* Valorizam o estudo dos meios de comunicação em si e colocam as técnicas em termos absolutos, subvalorizando os efeitos dos discursos dos *mass media*. É o exemplo do Massmedialogismo de McLuhan.

### **Comunicação de Massa**

O conceito de comunicação de massa é dos que mais variações apresenta na sua definição. Várias são as interpretações e os sentidos a ele dados. Ora se refere à massa de mensagens dos meios de informação, ora se refere à massa para significar o mecanismo de repetição dos próprios meios de informação ora se refere à massa de indivíduos que constituem as audiências da comunicação social.

Não nos interessa desenvolver esta temática, visto que a teoria crítica tem vindo a fazê-lo de forma profunda e eficaz ao longo do tempo. Preferimos quedar-nos por uma definição que, embora não sendo ambiciosa, nos é apresentada por Paquete de Oliveira de forma esclarecedora.

Assim, naquela perspectiva, a comunicação de massa será um sistema produtivo de mensagens cujas características podemos sinteticamente enumerar: (a) produção maciça de mensagens; (b) cuja difusão é normalmente rápida; (c) destinada a um público vasto, heterogéneo e disperso; (d) recorrendo a técnicas mais ou menos estereotipadas e sofisticadas; (e) as quais dependem de uma organização industrial; (f) cuja ordem industrial produz e reproduz a cultura que a própria ordem originou.

Parafrazeando Umberto Eco, Paquete de Oliveira apresenta uma dicotomia relativa às teorias da cultura de massa e aos *mass media*: Apocalípticos e Integrados. Os primeiros vêem no advento dos mass media o apocalipse da *cultura culta*, ou seja, a anulação do bom gosto, o retorno dos bárbaros, a desintegração da ordem, um pouco à semelhança de Ortega Y Gasset. Os segundos vêem nos *mass media* a anulação das diferenças e das desigualdades, quer dizer, o tempo da soberania popular.

### **A Opinião Pública**

Seguindo o pensamento de Paquete de Oliveira, diz-nos Allport ser necessário não cair no erro de confundir opinião pública com a apresentação pública de uma opinião. É que, a opinião pública confunde-se excessivamente com a pública opinião.

Um outro aspecto tem a ver com a reificação da opinião pública. Com efeito, a opinião pública é, sobretudo, usada pelos profissionais da informação para legitimar as suas posições e ideologia profissional: *a opinião pública quer saber, a opinião pública pensa, a opinião pública acha, etc.*

Para Habermas a opinião pública refere-se, sobretudo, às funções de crítica e de controlo exercidas pelo público, tanto informal como formalmente, aquando das eleições. Para o autor, a sua característica principal não se trata do conteúdo, mas da sua publicitação pública.

Conceito importante deste autor, é o de esfera pública, que introduz não só a dimensão de publicidade mas também a dicotomia público versus privado. Para a opinião pública o espaço onde se forma e onde decorre é o lugar onde racional e universalmente se discutem os interesses gerais. Nas sociedades democráticas, comparativamente com as tradicionais, o espaço público tornou-se alargado, pelo efeito artificial dos *mass media*, que ampliam sucessivamente a esfera pública.

### **Efeitos da massificação no conhecimento**

Os Apocalípticos, através da Escola de Frankfurt, fazem a crítica à sociedade de massa e aos *mass media* de forma alarmante, pois consideram que a degradação dos gostos e das capacidades individuais de fruição estética é devida à massificação. Podem considerar-se defensores desta corrente Adorno, Horkheimer e Marcuse. Também para Ortega Y Gasset a sociedade criada pela *rebelião das massas é a pior de todas, a mais indefinida, incerta e irracional*.

Os Integrados vêem na sociedade de massa um modelo consensual, mas articulado e dinâmico, e não uma massa amorfa e desorganizada. Principais pensadores desta corrente: Daniel Bell, Edward Shils e Louis Wirth.

### **A Sociologia dos Discursos**

Diz-nos Paquete de Oliveira que, contrariamente a Marx, Horkheimer, Adorno e Marcuse defendem não ser ao nível da produção, mas ao nível estético que as contradições do Capitalismo se verificam. Defende que, para uma sociologia do discurso, é não só importante analisar o sistema produtivo de mensagens, como a natureza destas, os suportes, os conteúdos e formas significantes, bem como o valor e dimensão da produção do sentido dos sujeitos falantes.

Para estes autores, a compreensão do mundo social passa pela análise aos discursos, uma vez que estes são sempre produtos sociais. Paquete de Oliveira reforça a ideia, no sentido em que para ele não é possível a existência de uma sociologia da comunicação sem uma sociologia do discurso. Assim como não é possível uma sociologia do discurso sem estudar as suas condições de produção.

Paquete de Oliveira revela neste seu trabalho um sentido abrangente, diversificado e integrado, na preocupação que tem relativamente ao desenvolvimento de uma sociologia da comunicação. Não se concentra num só dos pólos de investigação ou faz apologias empolgantes a determinados quadros teóricos, antes, procura conduzir-nos a uma compreensão abrangente e dar-nos uma visão realista das possibilidades desta área disciplinar.

## **O Papel dos Meios de Comunicação Social**

O autor de *Formas de Censura Oculta na Imprensa Escrita em Portugal* serve-se do conceito psicossocial de representação social para equacionar o papel dos *mass media* como produtores, reprodutores e agentes transformadores das mesmas.

À semelhança do que víamos sobre os conceitos de comunicação e complexidade, também este autor nos aponta Niklas Luhman para referir que, no processo de selecção e tematização da informação, os meios de comunicação procuram funcionalmente reduzir a complexidade da realidade social.

## **A Sociologia do Conhecimento**

Continuando a acompanhar o pensamento de Paquete de Oliveira, que seguiu de perto Peter Berger e Thomas Luckmen, relativamente à construção social da realidade, o mundo é percebido de acordo com a experiência que temos da vida e o conhecimento que nela vamos adquirindo, no âmbito das situações sociais em que estamos envolvidos.

A existência da sociedade reside na consciência que os indivíduos dela têm. Mas, por sua vez, a consciência individual é socialmente determinada. Por isso há autores que defendem que o conhecimento é socialmente distribuído, como é o caso da Hipótese do Distanciamento.

Já Talcott Parsons nos dizia que os universos simbólicos desenvolvem e mantêm uma ordem para enquadramento da percepção subjectiva dos indivíduos e para a vivência da vida quotidiana. Esta ordem concorre para a delimitação da realidade social e, por consequência, para a legitimação da ordem institucional da sociedade. O universo simbólico cria assim uma ordem na sociedade, por forma a que os indivíduos dela recebam as regras do que podem, quando podem e como podem ver e conhecer.

Os sistemas sociais têm sempre diversos definidores da realidade, cuja função é transmitir, manter e legitimar a ordem social. Mas numa sociedade mediatizada, os meios de comunicação social realizam esta definição da realidade.

Numa visão crítica marxista, o uso e os efeitos dos meios de comunicação social dependem do domínio que esta exerce sobre os indivíduos, e por isso, para Engels, as ideias que prevalecem serão sempre as da classe dominante, visto que quem domina os meios domina a informação - logo o conhecimento.

Na visão de Paquete de Oliveira, este quadro teórico-metodológico subvaloriza o papel de mediatização dos profissionais da comunicação social na *produção da realidade*. Aqui, não estamos absolutamente de acordo, já que estes profissionais têm na sociedade da informação um papel cada vez mais reduzido no processo de informação.

Como veremos no tema *Os novos Sacerdotes do Pensamento Único*, a mediação é cada vez menos desempenhada pelos jornalistas. As grandes empresas nacionais e internacionais da comunicação procuram, cada vez mais, não só a concentração de meios como a modernização dos mesmos, por razões de lógica produtiva, financeira e económica. As consequências óbvias é que só um reduzidíssimo número de profissionais selecciona e trata propriamente a informação - os demais são técnicos vários que processam textos.

É por isso mesmo que o nosso autor acaba por dizer que ... *quanto mais dependente económica e financeiramente o é uma empresa de produção de informação mais frágeis são a defesa aos mecanismos de controlo indirecto e de auto-controlo à liberdade de opinião. Crescem as condições para a propensão de censura oculta.*

Como consequência das dificuldades que o autor detectou na investigação da Imprensa Escrita em Portugal, foi-lhe possível determinar os seguintes níveis de censura oculta, verificáveis cumulativamente ou parcialmente:

<b>Níveis de censura oculta</b>
(a) Sistema produtivo de mensagens;
(b) Meios ou canais difusores das mensagens (factores endógenos e exógenos)
(c) Agentes produtores directos ou indirectos das mensagens: os profissionais que operacionalizam o sistema produtivo das mensagens;
(d) Sistema de mensagens: do conteúdo das mensagens ou das mensagens propriamente ditas;
(e) Circuito denotativo-conotativo das mensagens entre actores sociais: os sujeitos falantes.

## NOTAS COMPLEMENTARES

### Alguns Conceitos-Chave da Sociologia da Comunicação

Em jeito de léxico de comunicação, a seguir são apresentadas algumas palavras-chave da sociologia da comunicação, que, directa ou indirectamente, têm repercussões nos sistemas de conhecimento individuais e colectivos.

• <i>Gatekeeper.</i>	É visto como filtro ou porteiro da informação.
• <i>Newsmaking.</i>	É considerado o conjunto de rotinas e de critérios profissionais do processo produtivo.
• <i>Unwitting bias.</i>	Resultante da cultura profissional, da ideologia dos jornalistas.
• <i>Newsworthiness.</i>	Refere-se ao conjunto de regras que estabelecem as rotinas relativas aos critérios de noticiabilidade.
• <i>Agenda-setting.</i>	Abrange a hierarquização dos temas tratados pela imprensa.
• Tematização.	Diz respeito às modalidades particulares do <i>agenda-</i>

	<i>setting.</i>
• <i>Event/news.</i>	São os acontecimentos noticiosos veiculados pelos meios de comunicação social.
• <i>News/values.</i>	São os Valores/Notícia.

### Correntes e Escolas de Comunicação

• Empirismo (E.U.A.)	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Escola de Chicago (A Cidade como Laboratório)</li> <li>b) Funcionalismo (Interesse pelo controlo dos efeitos) - Até 1960</li> </ul>
• Teoria Crítica	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Escola de Francoforte (E.U.A.)</li> <li>b) <i>Cultural Studies</i> ( E.U.A. e Inglaterra)</li> <li>c) Estruturalismo (França) - Até 1970</li> </ul>
• Dimensão Cognitiva (E.U.A. e Europa) - 1970: consolidação destes estudos	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) <i>Agenda-Setting Function</i> (capacidade simbólica para estruturar a opinião pública)</li> <li>b) Tematização (capacidade simbólica para estruturar a opinião pública)</li> <li>c) <i>Gap Hypothesis</i> (distribuição social dos conhecimentos colectivos)</li> <li>d) Construção social da realidade (a notícia como forma de)</li> </ul>

### Communication Research

• Administrativa (americana)	Interesse pela influência dos meios de comunicação sobre o público (operativa)
• Crítica (europeia)	Pretende conhecer as determinantes estruturais do pen-

	samento (interpretativa)
--	--------------------------

### **Etapas da Evolução da Communication Research**

1ª Etapa	(a) Oposição entre pesquisa administrativa e pesquisa crítica (b) Confluência da pesquisa administrativa com a pesquisa crítica (c) Interesse pelo estudo da informação
2ª Etapa: Abordagem Integrada	Os MCM fazem parte de um sistema mais vasto e complexo

### **Efeitos dos Meios de Comunicação de Massa**

• Efeitos Directos	Behaviorismo. Estímulo-resposta. Centragem na reacção do organismo.
• Efeitos Indirectos	Ou Limitados, pela selectividade do receptor. Efeitos nas atitudes e nos comportamentos. Centragem na comunicação.
• Efeitos de Longo Prazo	Ou acumulados, ao nível do conhecimento. Centragem no processo de significação.

## Palavras-chave

- Comunicação
- Discursos da comunicação social
- Efeitos da massificação nos sistemas de conhecimento
- Informação
- Opinião pública
- Sociologia da comunicação
- Sociologia da cultura
- Sociologia do conhecimento
- Teoria dos sistemas

## Bibliografia

- Almeida, João Ferreira de (1990), *A Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.
- Bardin, Laurence (1979), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- Boudon, Raymond (s. d.), *Os Métodos em Sociologia*, Lisboa, Edições Rolim.
- Boutinet, Jean-Pierre (1996), *Antropologia do Projecto*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Burgess, Robert G. (1997), *A Pesquisa de Terreno. Uma Introdução*, Oeiras, Celta Editora.
- Castro, Lizete (1992), *Gerir o Trabalho de Projecto*, Lisboa, Texto Editora.
- Cazeneuve, Jean (s. d.), *Guia Alfabético das Comunicações de Massa*, Lisboa, Edições 70.
- Courtés, J. (1979), *Introdução à Semiótica Narrativa e Discursiva*, Coimbra, Livraria Almedina.
- Deshaies, Bruno (1997), *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*, Lisboa, Instituto Piaget
- Dias, A. Fernando Nogueira (1991), *Padrões de Comunicação no Sistema Familiar e Toxicodependência* (Dissertação de Mestrado em Sociologia), Lisboa, ISCSP/UTL.
- Dias, Fernando Nogueira (1999), *A Imprensa Escrita, a Droga e a Toxicodependência: Da Massificação à Estereotipia dos Discursos* (Tese de Doutoramento em Sociologia), Covilhã, UBI.
- Dias, Fernando Nogueira (2001), *Droga e Toxicodependência na Imprensa Escrita, Discurso e Percurso*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Dias, Fernando Nogueira (2001), *Sistemas de Comunicação, de Cultura e de Conhecimento, Um Olhar Sociológico*, Lisboa, Instituto Piaget.
- Durkheim, Emille (1987), *As Regras do Método Sociológico*, Lisboa, Editorial Presença.
- Fachin, Odília (1993), *Fundamentos de Metodologia*, São Paulo, Editora Atlas.
- Foddy, William (1996), *Como Perguntar. Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Oeiras, Celta Editora.
- Ghiglione, Rodolphe et al. (1993), *O Inquérito. Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (1996), *Novas Regras do Método Sociológico*, Lisboa, Gradiva.

Gil, António (1987), *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, São Paulo, Editora Atlas.

Good, William J. et al. (1979), *Métodos em Pesquisa Social*, São Paulo, Cª Editora Nacional.

Grisez, Jean (1978), *Métodos da Psicologia Social*, Rio de Janeiro, Zahar Editores.

Hébert, Michelle (1994), *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*, Lisboa, Instituto Piaget.

Hébert, Michelle (1996), *Pesquisa em Educação*, Lisboa, Instituto Piaget.

Lima, Maribus Pires (1981), *Inquérito Sociológico. Problemas de Metodologia*, Lisboa, Editorial Presença.

Moreira, Carlos Diogo (1994), *Planeamento e Estratégias da Investigação Social*, Lisboa, ISCSP.

Poirier, Jean et al. (1995), *Histórias de Vida. Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.

Prieste, Susan, (1995), *Doing Media Research. An Introduction*, Londres, Sage Publications.

Quivy, Raymond et al. (1992), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

Silva, Augusto Santos et al. (1987), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.